



GRANDE PRÊMIO HAIJIN DO BRASIL



CASA BRASILEIRA DE LIVROS

COMENTÁRIOS DA ORGANIZAÇÃO

Considerando o interesse do público, dos participantes e da comunidade literária, a organização do **II Grande Prêmio Haijin do Brasil** decidiu tornar públicos **breves comentários críticos** sobre os cinco haicais mais bem colocados. Embora não previstos no regulamento, esses comentários ampliam a transparência do processo e aprofundam o diálogo com a comunidade que acompanha e prestigia os eventos da Casa.

Os comentários constam neste documento, na seção dos haicais mais bem colocados.

E antes de apresentarmos o resultado completo, cabe ainda uma observação geral sobre o conjunto dos textos selecionados.

Conforme disposto no regulamento, a avaliação considerou exclusivamente a qualidade e o mérito literário dos textos, **independentemente de seguirem ou não o formato tradicional.**

Durante o processo de seleção, observamos que haicais com imagens mais concretas e alinhadas à tradição costumam oferecer maior segurança formal aos autores. Entretanto, justamente por essa segurança, tornam-se mais difíceis de se destacar no conjunto sem incorrer em repetição ou previsibilidade.

Por outro lado, haicais que se afastam do modelo tradicional assumem riscos maiores — inclusive o de perder o espírito do gênero. Contudo, quando conseguem inovar sem romper com essa essência, alcançam uma singularidade rara.

Dito isso, gostaríamos de frisar a nossa convicção de que **não há receita pronta para a literatura.** Não é a maior ou menor fidelidade à tradição, tampouco a simples ousadia formal, que determinam a qualidade de um haikai (ou qualquer outro texto literário), mas a consistência com que cada proposta estética é realizada. Dentro da lógica interna de cada texto, portanto, selecionamos aqueles que demonstraram maior rigor, intensidade e realização poética.



Semifinalistas

... sem ordem de classificação



SEMIFINALISTAS

A Pena Pesa

Ao homem pesa,
Pesa o barravento —
Pena de pardal

Alan René Antezana



SEMIFINALISTAS

Acalento mineiro

Tal qual um presente
Traz-me o cafezin' passado
Um futuro quente

Leonardo Ferretti



SEMIFINALISTAS

adiante

após o mergulho
na mágoa, os amantes
sacodem suas penas

Giselle Sakamoto Souza Vianna



SEMIFINALISTAS

Ao pó retornaremos

Leva-me às chamas
para que eu arda contigo
até sermos pó.

*Alessandro Carvalho
da Silva Oliveira*



SEMIFINALISTAS

Até breve

A casa vazia
mareja saudade
de uma vida vivida.

Andressa Souza Alves



SEMIFINALISTAS

Clímax

O bosque em brasa
As formigas crepitando
Fog'amenno — outono!

Lorena Akari Fukuda Alvarez



SEMIFINALISTAS

Compromisso

Um lugar de dor
nunca deverá habitar
o fundo do lago

Frederico Souza



SEMIFINALISTAS

Crepúsculo

O sol na janela:
luz — no horizonte se alinha,
solidão se queda.

Gabriel Barbosa Frusoni



SEMIFINALISTAS

Em Sonho

Éramos chuva
sal, limão e marsala
alma descalça

Greice Cohn



SEMIFINALISTAS

Garimpo do Jacundá, anos 60

De manhã: Jacundá,
Meio-dia: já com febre,
À tarde: já com Deus!

Antônio Barbosa Costa



SEMIFINALISTAS

Graça

Por trás do teu silêncio cortês
os passarinhos cantam
em português

Samantha Miranda Corrêa



SEMIFINALISTAS

Haikai Como Resposta a Schopenhauer

Pior é o intermédio
Do pêndulo que oscila
Entre a dor e o tédio

Marcos Paulo Soares



SEMIFINALISTAS

Incenso de Geosmina

Orvalho na flor —
a paz que só a chuva traz
com seu petricor.

Henry William Fernandes



SEMIFINALISTAS

Liberdade

Voe sempre meu canto
ao céu sem umbra ou véu.
Azul como verso santo

Yamil Rojas Liranza



SEMIFINALISTAS

Mães

A lua se põe
E eu na rua de pé
De pé minha mãe

*Reinaldo Oscar De Freitas
Mundim Lobo Rezende*



SEMIFINALISTAS

Marco Zero

gotícula cai:
no arco-íris da sombrinha
chuvia-se um frevo

Eduardo Patrik Augusto dos Santos



SEMIFINALISTAS

Nordestino

E chora o estio
incandescente, insano
semeando a fé

Maria do Rosário Gondim Motta



SEMIFINALISTAS

O Eco do Silêncio

O som do machado
Ecoa no vale vazio...
Silêncio de novo.

Luis Roberto Ramos



SEMIFINALISTAS

Oceanografia

Ontem sentados à mesa.
Hoje, as águas do Atlântico
entre pai e filha.

Berilo Vargas



SEMIFINALISTAS

Olhos Feridos

Os olhos perdidos
Até que outro par, sem fé,
Os deixa feridos.

Carlos Alberto Bittar Filho



SEMIFINALISTAS

Pausa

Canção de ninar;
longo e lento acalanto
pousa o som no colo

Ciro Lubliner



SEMIFINALISTAS

Roda da vida

Brinca a criançada
sem ver que a sombra da morte
se ergue ao fim da estrada.

Adriano Duarte Ferreira Leite



SEMIFINALISTAS

Sem título

a rã salta no lago e amassa
a imagem da lua
no espelho d'água.

Sérgio Castro Pinto



SEMIFINALISTAS

Sem título

Acho que sou triste
E outro tempo não tenho
Pra mergulhar nisso

Viví Velàno



SEMIFINALISTAS

Sem título

Alcança uma nuvem
uma pena ao vento.
Deságua o temporal.

Maristela Mitsuko Ono



SEMIFINALISTAS

Sem título

Arrebol de inverno
O olhar por alguns instantes
fixo no horizonte

Josnéia Aparecida Marcondes



SEMIFINALISTAS

Sem título

Azul da geada,
O céu da tarde invernal
No tapete branco

Eder Kamitani



SEMIFINALISTAS

Sem título

Chuva chega no cerrado
fielmente quente.
Finalmente, amarelado.

Ewerton Matheus Bezerra Ramos



SEMIFINALISTAS

Sem título

Consórcio perfeito:
Cada garça com sua vaca —
Que ninguém se meta!

Vitor Leandro Kaizer



SEMIFINALISTAS

Sem título

Crítica impiedosa,
a traça, fazendo troça,
perfura a prosa.

Rogério Trentini



SEMIFINALISTAS

Sem título

Entregue pelo carteiro
telegrama de adeus
fino corte de papel

Arnaldo Vieira Sousa



SEMIFINALISTAS

Sem título

Escorre da palma
Gota afável do pé d'água
Amorna-se o verão.

Daniela Camargo de Oliveira



SEMIFINALISTAS

Sem título

Estou no apogeu.
O reflexo deste espelho
foi que envelheceu.

Marcos Antonio Freire Martins



SEMIFINALISTAS

Sem título

Folhas da palmeira
Atravessam o caminho
Feito pelo vento.

Arnaldo Rebello Camargo Júnior



SEMIFINALISTAS

Sem título

Lágrimas de chumbo.
Sobre um mar de calma,
nenhuma gaivota.

Guilherme Balarin



SEMIFINALISTAS

Sem título

meio vazio, meio cheio
meio caminho andado
até o caminho do meio

Guilherme Vasconcelos



SEMIFINALISTAS

Sem título

migalhas à mesa
range o carro de boi
cinzas do palheiro

Luis Henrique Miotto



SEMIFINALISTAS

Sem título

Na janela luz,
frescor do amanhecer —
um livro em branco.

Reinaldo Ferreira Mota Junior



SEMIFINALISTAS

Sem título

Nas flores, a sorte:
Umas enfeitam a vida.
Já outras, a morte.

Dírlen Loyolla



SEMIFINALISTAS

Sem título

Num tripé barato
O velho celular capta
O céu estrelado

André Felipe Pinto Duarte



SEMIFINALISTAS

Sem título

O barco alado
voa entre as espumas
do céu salgado

Gabriel Grego



SEMIFINALISTAS

Sem título

o equinócio chega —
e o outono cora uma tarde
tinge o chão de cobre

Alexandra Jahnel Pascoal



SEMIFINALISTAS

Sem título

O lento e castanho cair
das folhas das árvores
Último outono

Maria Marta Nardi de Godoy



SEMIFINALISTAS

Sem título

ombro de macaco
metanol de maluco
uma cadeira de plástico, luxo

Lucas Bicalho Cardoso



SEMIFINALISTAS

Sem título

Pote de argila;
fissuras sob a luz
fria mapas no esmalte.

Adônis João Pereira Moura



SEMIFINALISTAS

Sem título

Pregos que se juntam
Lá fora, quarenta graus
Curvam-se martelos

Tiago Pires Camargo



SEMIFINALISTAS

Sem título

tarde de outono
flamboyants entrelaçados
teto arboreal

Visette Lopes Galiardi Silva



SEMIFINALISTAS

Sem título

tarde de outono —
no vidro embaçado
desenho e apago

Liana Pinheiro



SEMIFINALISTAS

Sem título

Telúrico brilho —
um raio espectral dos astros
no reflexo onírico

Renan Gabriel Ribeiro



SEMIFINALISTAS

Sonatina

Céu róseo e rubro,
cortina de chuva fina:
prelúdio de outubro

Edson Hiromitsu Tobinaga



SEMIFINALISTAS

Tarde Dourada

O ipê floriu —
No chão, outro sol brilha
Silêncio da tarde.

Giancarlo Reale Crepaldi



Finalistas

... sem ordem de classificação



FINALISTAS

[Caminho III]

Na estrada antiga,
o coração vai primeiro —
depois vem o pé.

Antonio Carlos Martinelli Junior



FINALISTAS

Amanhecer

Orvalho na folha
Brilho efêmero e intenso,
Antes do calor.

Luca Devay Torres do Nascimento



FINALISTAS

Borboleta

vibrante bailarina
asas de palha fina
quicando no ar

Maria Elisabeth Csuraji de Abreu



FINALISTAS

Companheira

Em ti me desmancho e me refaço.
O amor dá a liga
E nós, os laços.

Henrique Gentil



FINALISTAS

Contemplação

Fé na catedral.
Ver luz em forma de cruz
do sol no vitral.

Sérgio Francisco Pichorim



FINALISTAS

Fissura Verbal

Verbo escorre lento
na rachadura do tempo —
brota um silêncio.

Lucio Rodrigues Junior



FINALISTAS

Folhas secas

Folhas esquecidas —
da secura nasce a arte,
luz em cada nervo.

Marcelo Fouquet Rosembrock



FINALISTAS

hai cai

No vaso partido
as flores perdem as cores
perdem o sentido

Carlos Gildemar Pontes



FINALISTAS

Haiku inspiration 21

Folha que caminha
Veloz e desorientada
Formiga atrasada

Marcos Roberto Nogueira



FINALISTAS

Janela

Vidro, golpe, fim.
A pobre ave no jardim.
Mesa dos insetos.

Danilo de Athayde



FINALISTAS

Modoru

O pingo na poça respinga
mergulha no vento tenta
tenta de novo ser chuva.

Péricles Machado Kramer



FINALISTAS

O boi

Horizonte vasto!
O boi vê na paisagem
Apenas o pasto.

Jorge Fernando dos Santos



FINALISTAS

Paisagem com lua e nuvens

Branca cicatriz
Gozo d'água derramado
Em um tapete azul

Lucas Oliveira



FINALISTAS

Paz

Só quero a paz;
Paz das escolhas perfeitas...
Do fim das colheitas.

Joaniz de Souza Ramos



FINALISTAS

Persistência

Cheiro de café.
O corpo já estafado;
A vontade em pé.

Artur José dos Santos Lúcio



FINALISTAS

Pôr do sol aguado

O verde entardece...
Feliz co'um chá de chuvisco,
O musgo umedece.

Pedro Tomé de Castro Oliveira



FINALISTAS

Primavera

Neve derretida
Lago que nasce ao pé
Da montanha refletida.

Lorrayne dos Santos Ávila



FINALISTAS

Sem título

À beira do poço
sentei-me com um desejo:
não perder a sede.

Angela Leite de Souza



FINALISTAS

Sem título

As aves em V
Desaparecem nas nuvens —
Mudam de estação.

Guilherme Ferreira Aniceto



FINALISTAS

Sem título

Cupins em revoada —
Na vertigem da luz
Breve chuva de asas.

Valquiria Lazarin



FINALISTAS

Sem título

da primavera pungente fim
a pétala espetada
na ponta de um capim

Tiago Sabino Ribas



FINALISTAS

Sem título

e coube a mim esta amora
na medida do meu dedo —
ou do meu desejo?

Ana Carolina Bernardes



FINALISTAS

Sem título

Jaz sem ser provado
o azedo das pitangas
vermelho na grama

Mateus de Novaes Maia



FINALISTAS

Sem título

Na retina perolada
a queda profunda —
A noite bruta flutua

Felipe Rodrigues



FINALISTAS

Sem título

nada se move
uma pinha cai no chão —
tudo se move

Márcio Grings



FINALISTAS

Sem título

o cheiro das ondas
nas roupas recém dobradas
mar dentro da mala

Guilherme Becker



FINALISTAS

Sem título

Ouçã: o murmúrio do vento
Sussurrando flores
Um beija-flor num voo lento.

Silvio Valentin Liorbano



FINALISTAS

Sem título

Reversão: absorta,
a rã vê o ar virando água,
revivendo o berço

Antônio Marcos de Oliveira



FINALISTAS

Sem título

Roupa no varal —
o vento vai dissipando
a vida por igual.

Erica Viana Calmon



FINALISTAS

Sem título

Tijolo a tijolo —
a nova hera cresce
pintando o velho muro

Mayron Engel



FINALISTAS

Verão no Asfalto

Sol de fim de tarde,
na poça o céu se reflete —
um pássaro bebe.

Manuelle de Moura Santana



Primeiros colocados

... em ordem de classificação



5º LUGAR

Casualidade

Uma folha cai
e nada mais acontece
senão um haicai.

Mauro André Oliveira



COMENTÁRIO DA CURADORIA

5º Lugar – “Casualidade”

Este haikai parte de uma cena absolutamente tradicional — a queda de uma folha — talvez uma das imagens mais recorrentes do imaginário do gênero. Contudo, ao afirmar que “nada mais acontece / senão um haikai”, o poema desloca o foco do acontecimento para a própria linguagem que o captura.

Há aqui um gesto de aparente simplicidade que esconde consciência formal. A expectativa de que algo extraordinário suceda é frustrada: o único evento é o próprio poema. A queda da folha não desencadeia drama, epifania grandiosa ou explicação filosófica — desencadeia apenas o haikai.

Essa economia radical é coerente com a tradição do gênero, que sempre encontrou no mínimo o suficiente. Ao assumir a metalinguagem com leveza e precisão, o texto reafirma que o haikai nasce do instante e se basta nele. A simplicidade não é pobreza expressiva, mas escolha estética rigorosa.



4º LUGAR

Relâmpagos

E no azul do ozônio,
o céu pensa e tece intensa
teia de neurônios

Carlos Legendre



COMENTÁRIO DA CURADORIA

4º Lugar – “Relâmpagos”

Este haicai reinterpreta o fenômeno natural a partir de uma imaginação intelectualizada: os relâmpagos deixam de ser apenas descargas elétricas no céu e convertem-se em “teia de neurônios”. A paisagem atmosférica é transfigurada em mente, e o céu, em organismo pensante.

O paralelismo sonoro entre “ozônio” e “neurônios” não é mero ornamento: ele estrutura o poema. A semelhança fonética cria uma ponte entre natureza e cognição, fazendo com que o campo elétrico da tempestade ecoe a atividade sináptica do cérebro.

Há aqui uma inversão sutil do gesto tradicional do haicai. Em vez de apenas contemplar a cena natural, o poema a interpreta, fundindo cosmos e consciência numa imagem concentrada e de forte impacto visual. A intensidade do relâmpago encontra correspondência na súbita iluminação da ideia — e essa coincidência entre luz física e luz mental constitui a força do texto.



3º LUGAR



Sem título

Os cisnes se movem:
Círculos desabotoam
A pele do lago

Carlos Emilio Faraco



COMENTÁRIO DA CURADORIA

3º Lugar – Sem título

Este haicai constrói uma imagem de rara delicadeza e precisão visual. O movimento dos cisnes não é descrito diretamente; ele se revela nos “círculos” que “desabotoam a pele do lago”. O verbo escolhido desloca a percepção do leitor: a superfície da água deixa de ser apenas paisagem e torna-se corpo sensível, quase tecido que se abre ao toque.

Há aqui um gesto mínimo que desencadeia transformação máxima. A ondulação produzida pelos cisnes é convertida em ato poético – um desabotoar que sugere intimidade, sutileza e movimento orgânico. A metáfora não pesa: flui com naturalidade, como a própria água que descreve.

Ao permanecer fiel à cena concreta da natureza e, ao mesmo tempo, reinventá-la com vocabulário inesperado, o poema alcança equilíbrio raro entre tradição e invenção. A síntese é rigorosa, e a imagem, memorável.



2º LUGAR



ainda bashô

tantas rãs depois
neste mesmo lago
a palavra arranha

Gianni Paula dos Anjos de Melo



COMENTÁRIO DA CURADORIA

2º Lugar – “ainda bashô”

Este haikai estabelece um diálogo direto com a tradição fundadora do gênero, evocando Bashô, as rãs e o lago, imagens canônicas da história do haikai. Contudo, não o faz por mera repetição ou reverência ilustrativa. Nem cai em um clichê fácil. A rã deixa de ser apenas animal e torna-se emblema de tudo o que já foi repetido a partir dessa mesma imagem. O fonema /ʁẽ/ reaparece em “arranha”, e o que antes era o som do salto na água converte-se em fricção verbal. Já não é o lago que vibra: é a língua.

O poema celebra, com maestria, uma tradição que se reinventa e permanece viva. Não há aqui contemplação nostálgica, mas reinvenção com plena consciência crítica. Bashô não é citado como monumento intocável, e sim reabsorvido e reinscrito na dinâmica da literatura contemporânea. Essa consciência histórica, literária e crítica, aliada à concisão rigorosa, confere ao haikai uma densidade rara no conjunto dos textos avaliados.



1º LUGAR



Ex-patriada

A palavra órfã tem dois acentos.
Um representa o corte
Outro, o eterno lamento

Helena Cunha di Ciero



COMENTÁRIO DA CURADORIA

1º Lugar – “Ex-patriada”

O haikai vencedor destacou-se do conjunto pela ousadia e pela originalidade de sua proposta estética. Ao deslocar o eixo tradicional da imagem concreta da natureza para o campo metalinguístico, o autor constrói um poema centrado no peso semântico e emocional de uma única palavra da língua portuguesa (“órfã”).

O jogo linguístico com os dois acentos gráficos transcende a dimensão ortográfica e converte-se em reflexão poética: um como signo do corte, outro como marca do lamento. A própria estrutura tripartida do haikai, que tradicionalmente exige um “corte” (kireji), ecoa esse gesto de cisão. O poema realiza, assim, um diálogo sofisticado entre forma e conteúdo, operando no limite da concisão exigida pelo gênero.

Trata-se de um haikai moderno e abasileirado que assume riscos formais e, ao fazê-lo, reafirma a vitalidade contemporânea do gênero: ao tensionar tradição e invenção, o hajjin reafirma que o haikai brasileiro não é simplesmente repetição, mas reinvenção.





GRANDE PRÊMIO HAIJIN DO BRASIL



CASA BRASILEIRA DE LIVROS